



## Encontros de formação e interação de saberes em agricultura urbana num contexto de COVID19

*Training and interaction meetings of knowledge in urban agriculture in a COVID19 context*

GOMES, Lília Seidensticker<sup>1</sup>; MATTOS, Claudemar<sup>2</sup>;  
OLIVEIRA JR., Adilson Santos<sup>3</sup>; ANDRADE, Ana Alice Fragoso<sup>4</sup>;  
MONTEIRO, Sérgio<sup>5</sup>; MORAES, Rebeka Vidal<sup>6</sup>

<sup>1</sup>Fiocruz, lilia.gomes@fiocruz.br ; <sup>2</sup>Fiocruz, claudemar.mattos@fiocruz.br; <sup>3</sup>Fiocruz, adilson.oliveira@fiocruz.br ; <sup>4</sup>Fiocruz, ana.fragoso@fiocruz.br ; <sup>5</sup>Fiocruz, sergio.monteiro@fiocruz.br ; <sup>6</sup>Fiocruz, rebeka.moraes@fiocruz.br

### RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

#### Eixo Temático: Agriculturas Urbanas

**Resumo:** Este artigo relata a experiência do Fórum Itaboraí: Política, Ciência e Cultura na Saúde, um programa da presidência da Fiocruz, em uma série de encontros para debater a Agricultura Urbana sob o olhar da Agroecologia em Petrópolis. As práticas agroecológicas em espaços urbanos podem atuar como agentes de transformação pois tratam da promoção à autonomia, da socialização e organização comunitária, da segurança alimentar, da apropriação dos espaços e da economia solidária, entre outros. A concepção era para que os encontros, em número de dez, ocorressem entre fev/abr 2020 numa comunidade de Petrópolis, com cerca de 15 a 20 pessoas que se tornariam multiplicadores de iniciativas de cultivo de alimentos em espaços urbanos. Porém em março, após o quinto encontro, foi decretado o isolamento social devido a pandemia de Covid-19. A equipe organizadora precisou adaptar-se e reinventar uma forma de manter o grupo unido em torno da ideia original de forma remota através de um grupo de *whatsapp*. O trabalho apresenta os diversos entraves enfrentados e as soluções encontradas para manter ativo o interesse dos comunitários pelo cultivo de alimentos em seus quintais.

**Palavras-Chave:** Hortas comunitárias; Agroecologia; Petrópolis; Pandemia

#### Contexto

O ano é 2019. A atuação do Fórum de Itaboraí, programa especial da presidência da Fiocruz em Petrópolis, que se concentra em 13 comunidades da periferia do município <sup>1</sup>, por meio de articulações que envolvem os Postos de Saúde da Família e os Centros de Referência de Assistência Social, frutos da cooperação entre a Fiocruz e a Secretaria Municipal de Saúde de Petrópolis.

As informações levantadas durante a realização de um Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) nas 13 comunidades de atuação dos projetos do Programa de Desenvolvimento Social e Participação Comunitária (do Fórum Itaboraí)<sup>2</sup> apontaram para situações vinculadas ao tema da agricultura urbana, tais como, a existência de

<sup>1</sup> Algumas das comunidades participantes: Primeiro de Maio, Bataillard, Sargento Boening, Vila Rica, Amazonas, Carangola, etc

<sup>2</sup> O diagnóstico foi para levantar qual a percepção que a população dessas comunidades tinha em relação às condições de saúde. Considerando-se a saúde de maneira ampliada



iniciativas isoladas de hortas caseiras ou em pequenos espaços comunitários, a vulnerabilidade ambiental, a segurança alimentar e nutricional, a existência de terrenos baldios, o descarte inadequado de resíduos domiciliares, incluindo resíduos orgânicos, assim como a ressignificação de espaços comunitários e a participação social.

As práticas agroecológicas em espaços urbanos podem atuar como agentes de transformação uma vez que tratam da promoção à autonomia, da socialização e organização comunitária, da segurança alimentar, da apropriação dos espaços e da economia solidária, entre outros temas que estão intimamente relacionados à moradia, à mobilidade urbana, à infraestrutura de saneamento básico e qualidade de vida. A interação dos princípios da Agroecologia do direito à cidade viabiliza a democratização do espaço urbano e do bem viver.

Dessa forma, a proposta de incentivo às práticas agroecológicas em espaços urbanos, surgiu a partir das seguintes reflexões:

- Como melhorar a alimentação e a saúde destas comunidades?
- O que fazer para suprir as carências alimentares que ocorrem com as pessoas das comunidades?
- Seria possível utilizar os quintais e áreas comunitárias para produzir legumes, verduras e frutas, saudáveis e nutritivos?
- Como aproveitar integralmente os alimentos?
- Como juntar estas oportunidades para tratarmos adequadamente os resíduos, e ainda produzirmos adubo para as hortas?

Para tratar destes assuntos, a Equipe Social em conjunto com a Equipe Biodiversidade e Saúde do Fórum Itaboraí elaboraram a proposta do curso “Encontros de Formação e Interação de Saberes em Agricultura Urbana” visando a melhoria da qualidade de vida nas comunidades, com especial atenção ao tratamento adequado dos resíduos domiciliares, à promoção do uso correto das plantas medicinais e da segurança alimentar e ao fortalecimento comunitário.

Com duração prevista de 3 meses, uma carga horária total de 40 horas, e com uma programação de realização de 10 encontros semanais presenciais, a serem realizados na comunidade do Amazonas/Quitandinha, no salão da igreja São José, e em outros locais da comunidade previamente acordados. O curso originalmente planejado, teve como objetivo principal capacitar pelo menos 15 pessoas por turma, incluindo os agentes comunitários de saúde, de forma a produzir multiplicadores de iniciativas de cultivo de alimentos em espaços urbanos.

Nesta primeira turma além da participação de moradores da Comunidade do Amazonas, também contou com a participação dos moradores das Comunidades da Glória, Posse, Retiro / Morro do Alemão, Meio da Serra e Pedras Brancas, integrantes do Projeto “Desenvolvimento e aplicação de tecnologia social para a inclusão cidadã de famílias residentes em territórios prioritários do Plano Progredir / CNPq / MDS no município de Petrópolis”.



As atividades de promoção da agricultura urbana, com ênfase em abordagens agroecológicas, iniciaram como previsto no dia 05 de fevereiro de 2020. Contudo, com a situação da pandemia que resultou em determinações governamentais e institucionais de distanciamento social, os encontros presenciais foram interrompidos, a partir do dia 18 de março, sendo realizados até aquele momento, 5 encontros presenciais. A partir de então a equipe precisou se reinventar para manter unido o grupo de comunitários de forma remota.

## **Descrição da Experiência**

Dividiremos esta descrição das atividades em duas partes: a primeira ocorrida em modo presencial (janeiro a março/2020) cuja metodologia priorizou as atividades práticas, procurando valorizar os conhecimentos e experiências existentes na comunidade. A segunda parte, já durante a pandemia, de forma virtual (abril a agosto/2020) precisou ajustes constantes na metodologia aplicada de forma a manter vivo o interesse do grupo.

**Parte 1/Presencial** - Janeiro/2020 foi dedicado para as atividades de preparação e mobilização nas comunidades para a participação nos “Encontros”- nome pelo qual o curso ficou conhecido incluindo articulações com a Equipe do Núcleo de Convívio do Programa de Desenvolvimento do Campus Fiocruz Mata Atlântica (PDCFMA), para contribuírem com duas oficinas. Assim, a mobilização inicial resultou na participação de cerca de 20 pessoas, entre moradores, Agentes Comunitários de Saúde, lideranças comunitárias e outros.

Os cinco encontros foram realizados em fevereiro e março, como previsto na programação inicial. O primeiro dia foi dedicado à apresentação dos participantes presentes e os propósitos da atividade. Como forma de sensibilizar e promover a interação entre os participantes foi exibido um vídeo sobre as atividades de agricultura urbana na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Após o vídeo os participantes fizeram comentários e apresentaram suas percepções sobre a prática de cultivo em pequenos espaços, ressaltando frequentemente o uso e conhecimento de plantas medicinais.

O segundo encontro dedicado a abordar a Cartografia Participativa no âmbito da Agroecologia Urbana, teve o intuito de inserir uma perspectiva espacial nas atividades do curso e desenvolver mapas temáticos que auxiliassem na implantação da Agroecologia nos territórios. Foram tratados os seguintes tópicos:

- a) Agroecologia e Território que abordou a discussão sobre o que é o Território, suas implicações políticas e qual a relevância do Território para o desenvolvimento da Agroecologia;
- b) Cartografia Participativa e ferramentas de mapeamento, discussão sobre o que é a Cartografia Participativa, qual seu uso e quais são as principais ferramentas utilizadas para a elaboração coletiva de mapas;
- c) Oficina de elaboração de mapas participativos, com uso de mapas físicos com o objetivo de localizar, a partir da percepção dos participantes/moradores, aspectos



relevantes para o desenvolvimento da Agroecologia nos territórios, como localização de quintais produtivos já existentes, minas d'água, áreas prioritárias para a melhoria das condições de vida, áreas de risco ambiental, depósitos de lixo, etc.

O terceiro encontro foi dedicado aos processos e princípios da compostagem como forma alternativa de redução e gestão dos resíduos orgânicos domésticos. Este assunto foi apresentado por Paulo Monteiro, na época, bolsista do Campus Fiocruz Mata Atlântica, apresentando uma tecnologia social de composteira com a utilização de tela de arame galvanizado, identificado como composteira em “cilindro de tela de arame”. Após a abordagem dos princípios e teoria da compostagem, os participantes puderam montar uma composteira em cilindro de tela conforme o “passo a passo” apresentado pelo oficineiro.

O quarto encontro foi dedicado para o planejamento de hortas em quintais urbanos, com a exibição do vídeo “Horta em Pequenos Espaços”<sup>3</sup>, que retrata uma atividade de implementação de uma pequena horta promovida pela ONG Verdejar Socioambiental com moradores da comunidade Sérgio Silva, bairro do Engenho da Rainha, no subúrbio do Rio de Janeiro. A oficina partiu da abordagem do direito à cidade para mostrar conexões entre os princípios agroecológicos e a resistência e defesa dos territórios dos moradores. Após a apresentação teórica, os participantes se dividiram para montar uma horta vertical em pallets e garrafas *pet* com plantas medicinais.

No quinto encontro o tema abordado foi sobre preparo da horta em canteiros e intercâmbio de práticas comunitárias, e teve a parceria e participação da Rita Barbosa, bolsista e agricultora urbana na Colônia Juliano Moreira junto ao Campus Fiocruz Mata Atlântica, zona oeste do Rio de Janeiro. A oficina foi realizada na horta do Centro de Referência e Assistência Social (CRAS) do Amazonas e teve a participação dos monitores e dos jovens integrantes do Serviço de Convivência e Formação de Vínculos (SCFV). Após breves explicações sobre os cuidados nos plantios em canteiros, como limpeza, uso de cobertura, adubação, espaçamentos, etc., foi feito um mutirão de plantio na horta do CRAS.

Com a paralisação das atividades presenciais, a partir de 18/03/2020, a Equipe envolvida com a execução dos encontros se viu diante do desafio de realizar as adaptações necessárias para continuar com a animação e sensibilização do grupo, até então formado por cerca de 30 pessoas.

**Parte 2/Remota** - Durante o restante do mês de março e abril, as Equipes do Fórum Itaboraí, criaram uma coordenação pedagógica, que realizou uma série de reuniões

virtuais para construir as condições necessárias para esta adaptação, considerando a boa perspectiva e animação dos participantes. Uma das estratégias foi criar um grupo virtual no aplicativo *Whatsapp*, com o objetivo de comunicações gerais entre a equipe e os participantes. Algumas alternativas foram dialogadas, como a realização das abordagens dos assuntos pendentes pelo grupo de *Whatsapp*, mas que

<sup>3</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/VerdejarSocioambiental/videos/1516137365123052/>





esbarraram nas limitações de acesso à internet. A Equipe decidiu, então, seguir um cronograma de assuntos de forma “conteudista”, ciente do prejuízo de não promover a interação necessária, porém tendo no horizonte a realidade de cada participante.

Destaca-se que neste intervalo de tempo, entre a paralisação das atividades presenciais e as reuniões periódicas da Coordenação Pedagógica, foram incluídas no grupo *Whatsapp*, mais 12 pessoas de 5 comunidades. Este avanço foi obtido devido ao esforço da Equipe em consolidar uma orientação para ampliação do grupo, pois com os encontros virtuais, os fatores limitantes em relação a quantidade de participantes ideal foram superados.

Uma estratégia para abordar alguns assuntos pendentes do programa inicial do foi colocada ao grupo do *Whatsapp* para uma enquete sobre qual tema gostariam de abordar primeiro. A adoção da enquete<sup>4</sup> para a escolha participativa dos assuntos teve como intenção envolver e avaliar o grau de retorno dos participantes do grupo.

Estes assuntos foram elencados a partir da identificação das demandas verificadas no grupo, e a sua sequência de abordagem semanal foi decidida por meio da enquete que identificou como o primeiro assunto a ser abordado o tema “Identificação e Formas de Controle de Insetos e Doenças na Horticultura”. Na medida em que foram feitas as postagens, os participantes retornaram com dúvidas, comentários e fotos, e, de alguma maneira, a Coordenação Pedagógica ia interagindo com o grupo.

Dando sequência a abordagens dos temas específicos no Grupo, nos meses de maio e junho, o assunto indicado pela Coordenação Pedagógica foi sobre “Compostagem”.

Ainda durante o mês de junho iniciou-se o módulo sobre “Plantas Medicinais”. Este módulo foi apresentado em três etapas: 1ª etapa – Identificação de plantas medicinais; 2ª etapa – Usos das plantas medicinais; e 3ª etapa – Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC). O modo de abordar as plantas medicinais seguiu um outro método de abordagem diferente do que vinha sendo feito anteriormente, já que a equipe escolheu não postar conteúdos escritos e apostar numa maior interação com os integrantes do Grupo Encontros. Para o tema Identificação de Plantas Medicinais lançou-se mão de muitas fotos e explicações por áudio.

Para o tópico Usos das Plantas Medicinais a abordagem foi através de poesias com o intuito de despertar a memória afetiva que muitas pessoas guardam em relação ao uso das plantas medicinais. Aproveitamos o conhecimento dos integrantes do grupo sobre as plantas medicinais e montou-se uma tabela com as espécies mencionadas, parte da planta utilizada e usos mais populares. Encerrando o tópico, as plantas medicinais foram abordadas como uma forma de autonomia da comunidade.

---

<sup>4</sup> Temas sugeridos – Pragas e doenças, compostagem, plantas medicinais, produção de mudas.



Iniciamos julho com o tema das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC), ainda na tentativa de interação e envolvimento dos participantes do grupo numa troca de receitas e experiências com estas plantas. Nos dias que se seguiram foram apresentadas algumas receitas com fotos e os integrantes do grupo iam participando com outras receitas. No mesmo mês, via *whatsapp*, as atividades abordadas foram sobre o tema “Sementes e Produção de Mudas e Hortaliças”. O encerramento se deu com a proposta de atividade prática, estimulando que os participantes apresentassem, por meio de depoimentos, aprendizados, dúvidas, fotos ou vídeos curtos sobre as hortas, os quintais, as composteiras e outros fatos relevantes.

No mês de agosto a Coordenação Pedagógica propôs uma breve avaliação sobre o curso aos participantes, já que dentro da enquete inicial, todos os assuntos tinham sido abordados. As respostas foram positivas, porém em pequeno número.

## **Resultados**

Ressalta-se os aspectos positivos de interação da Coordenação Pedagógica em enfrentar os desafios postos tanto pelo pioneirismo da iniciativa na região, tanto pelo agravamento das limitações postas pela pandemia de Covid-19, alcançando resultados importantes com a mobilização das comunidades e se colocando disponível para facilitar e proporcionar a participação das pessoas com dificuldades de acesso aos meios de comunicação.

Com o prolongamento da pandemia e a permanência do isolamento social, a Coordenação Pedagógica dos encontros sobre agricultura urbana, debateu muito o assunto dos desafios e limitações que um assunto tão prático como Agricultura Urbana fosse trabalhado de maneira remota. As alternativas identificadas passaram pela possibilidade de produzir outros métodos audiovisuais, como vídeos ou podcasts, que poderiam atenuar os entraves de pouca alfabetização de alguns participantes para proporcionar uma melhor apreensão dos conhecimentos aportados no curso. Quanto à produção de vídeos a Coordenação Pedagógica percebeu que requeria uma estrutura e manejo tecnológicos, que a Equipe não dominava.

Foi necessário proporcionar uma comunicação adequada dos textos produzidos com recursos audiovisuais, para os integrantes do grupo Encontros, pois percebeu-se através das dúvidas e comentários (ou falta deles) que a maioria dos integrantes não liam ou não entendiam o que tinha sido postado. Superar os limites da comunicação foi fundamental para a promoção dos diálogos entre a diversidade de conhecimentos e saberes existentes no Grupo, fortalecendo os princípios da agroecologia e da educação popular.